

## REVISANDO O LAZER NA TERCEIRA IDADE: UMA PROPOSTA METODOLÓGICA NECESSÁRIA

**Recebido em:** 28/01/2014

**Aceito em:** 08/07/2014

*Kamilla Paula Gandra de Oliveira*<sup>1</sup>

Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri,  
Diamantina – MG – Brasil

*Alan Faber do Nascimento*<sup>2</sup>

Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Diamantina – MG – Brasil

**RESUMO:** Este artigo é uma revisão bibliográfica sobre a temática do lazer, com objetivo de, por meio dela, explorar melhor as atividades de lazer na terceira idade. Para isso, inicialmente, é feita uma revisão sobre a gênese e o desenvolvimento do lazer enquanto conceito teórico. E depois, tomando como referência estudos que analisaram as práticas de lazer na terceira idade, procura-se demonstrar o quão importantes e significativas são as práticas de lazer para os idosos, seja do ponto de vista físico, do seu espaço social, ou, ainda, acerca da natureza das práticas de lazer na terceira idade.

**PALAVRAS CHAVE:** Atividades de Lazer. Idoso. Revisão.

### REVIEWING THE LEISURE IN THE ELDERLY: A PROPOSED METHODOLOGY REQUIRED

**ABSTRACT:** This article is a literature review on the topic of leisure, with the aim of, through it, explore best practices of leisure in old age. To do this, first, a review of the genesis and development of leisure as a theoretical concept is done. Thus, having the studies on leisure practices for seniors as reference, it will be demonstrated how important and significant are the leisure practices for seniors, either the physical aspect, its social space, or the nature of leisure practices for seniors.

**KEYWORDS:** Leisure Activities. Aged. Review.

---

<sup>1</sup> Bacharel em Turismo pela Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM).

<sup>2</sup> Bacharel em Turismo pela PUC-SP e Doutor em Geografia Humana pela UNESP de Rio Claro. Atualmente, é professor do curso de Turismo da UFVJM.

## Introdução

Mais do que qualquer época, o século XX se caracterizou por profundas e radicais transformações em todos os níveis da sociedade. No âmbito da saúde pública mundial, o fato mais significativo foi, sem dúvida, o aumento da expectativa de vida da população mundial. Tanto é, assim, que a Organização das Nações Unidas (ONU) considera o período de 1975 a 2025 como a “Era do Envelhecimento”.

De fato, a facilidade de acesso à alimentação, devido aos melhoramentos na produção agrícola e industrial, a universalização do saneamento básico nas cidades, e, sobretudo, os desenvolvimentos experimentados pela medicina moderna tornaram possível aquilo que era uma exceção para os nossos ancestrais. Afinal, as intervenções médicas modernas aumentaram a expectativa de vida mais do que havia sido feito em oitocentas gerações (FOUREZ, 1995).

O cenário é, portanto, de profundas mudanças sociais, políticas e culturais, não só pelo aumento do número de idosos nos diferentes países, mas, sobretudo, em razão dos avanços tecnológicos. A esse propósito, estima-se que tais avanços permitirão, ainda no século XXI, o ser humano alcançar idades próximas aos limites biológicos, teoricamente fixados na faixa entre 110 e 120 anos (VERAS; CALDAS, 2004).

Desnecessário dizer que essas transformações acabaram suscitando o problema da terceira idade<sup>3</sup>. O que seria essa etapa da vida? Quais os valores que a norteiam? Como os idosos têm se apropriado do seu tempo livre? São perguntas com as quais se confrontam, hoje, acadêmicos, técnicos e especialistas, na busca de compreender o

---

<sup>3</sup> A Organização Mundial de Saúde define formal e cronologicamente a terceira idade como a etapa da vida que se inicia aos 60 anos de idade. No entanto, paralelamente aos critérios cronológicos, coexistem fenômenos de natureza biopsíquica, demográfica e sócio-econômica, também importantes para a percepção da idade e do envelhecimento. Note-se, por exemplo, que, nas sociedades ocidentais, é comum associar o envelhecimento com a saída da vida produtiva pela via da aposentadoria (PEREIRA; CURIONI; VERAS, 2003).

universo do idoso, seja do ponto de vista de suas atividades domésticas, sócio-religiosas, sócio-políticas e, sobretudo, daquelas voltadas para o lazer.

No seio desse debate, destaca-se o sociólogo francês Joffre Dumazedier. Em sua “*Sociologia Empírica do Lazer*”, o autor chama a atenção para a importância dos estudos do lazer na área da terceira idade, justamente, para desconstruir certos estereótipos, preconceitos e mesmo idéias equivocadas em torno do tema. Para Dumazedier (2008), o pensamento social, frequentemente, analisou o tempo livre ocupado pela terceira idade como um tempo ligado à negatividade, ao tédio, ao vazio, à espera por algo que "pudesse compensar" o desengajamento no trabalho – cumpre destacar que essa desvalorização do lazer era, ainda, reforçada pelo pensamento dominante dos gerontologistas, que priorizavam uma supervalorização do trabalho e das obrigações familiares.

Opondo-se a esse tipo de interpretação, Dumazedier (2008) nos mostra como os estudos do lazer têm desvendando uma nova faceta da relação entre o público da terceira idade e as atividades de lazer, o que tem contribuído para a quebra de generalizações abusivas e simplificações, além de ser um suporte seguro e confiável de informações para os profissionais da gerontologia:

Esse tempo mais do que nunca tem sido de uma relevância significativa, porquanto, aos olhos dos novos estudiosos, historiadores e profissionais ligados ao assunto, às atividades desenvolvidas nesse tempo são interpretadas como possibilidades de criação de valores novos específicos à terceira idade e de condições necessárias para favorecê-las (DUMAZEDIER, 2008, p.114).

Aprofundando no jogo que o debate suscita, este artigo, por meio de uma revisão bibliográfica sobre a gênese e o desenvolvimento do lazer enquanto conceito, procura construir um panorama teórico e histórico acerca dos estudos do lazer, tendo como ponto de chegada os próprios estudos relativos ao lazer na terceira idade. Tarefa, a

nosso ver, metodologicamente necessária, devido ao senso comum que grassa em torno dessa etapa da vida.

Para isso, num primeiro momento, é feito uma análise a respeito das primeiras reflexões filosóficas sobre o tempo fora de trabalho, com o intuito de apreender os antecedentes teóricos dos estudos do lazer. Para isso, tomamos como referência a revisão dos trabalhos clássicos de Paul Lafargue e Thorstein Veblen, autores que, cada um à sua maneira, apreenderam as dinâmicas que produziram o lazer enquanto fenômeno histórico e social.

Num segundo momento, passamos a revisar os autores que procuram dar um tratamento científico à temática do lazer. Tomando como referência o corpo teórico desenvolvido pelo sociólogo francês Joffre Dumazedier, a análise procura demonstrar as principais características do pensamento do autor, a influência de sua obra no Brasil, a exemplo do trabalho de Luís Octávio Lima Camargo, e, sobretudo, sua contribuição empírica em torno do real significado das práticas de lazer.

E, num terceiro momento, apoiando-se nas análises de autores que versaram acerca do lazer na terceira idade, a exemplo de Nelson Carvalho Marcellino, do próprio Joffre Dumazedier e de Marcília Goyáz, procuramos demonstrar o quanto esses estudos foram e são importantes para uma apropriada investigação do tema, seja no tocante aos aspectos físicos e biológicos da relação entre idoso e lazer, seja do ponto de vista da dimensão sócio-espacial das práticas de lazer na terceira idade, ou, ainda, no que se refere à natureza específica dessas práticas. Cumpre explicar que a escolha desses autores seguiu os seguintes critérios: a) no tocante a Nelson Carvalho Marcellino, julgou-se apropriado revisar um autor cuja produção bibliográfica tem sido referência nos estudos do lazer no Brasil e alcança uma variada gama de temas sobre área, a exemplo

do próprio lazer na terceira idade; em relação a Joffre Dumazedier, a escolha foi baseada pelo fato de o autor ter desenvolvido pesquisa e compilado uma série de enquetes e sondagens realizados na França e nos Estados Unidos acerca do lazer na terceira idade, cujos dados, embora colhidos nas décadas de 1960 e 1970, constituem, todavia, um ponto de partida, haja vista a própria carência de estudos e investigações empíricas sobre o tema. Já o trabalho de Marcília Goyáz foi identificado por meio de sítio eletrônico de buscas com base no cruzamento das seguintes palavras-chave: terceira idade, lazer, qualidade de vida e saúde.

Por fim, é preciso dizer que esta revisão em nenhum momento pretendeu esgotar as problemáticas que envolvem o lazer na terceira idade, porquanto há inúmeras questões, muitas das quais ainda não formuladas, sobre a temática. Esperamos apenas que nossa análise possa contribuir com novos estudos e pesquisas a respeito do lazer e do lazer na terceira idade.

### **Ócio e Tempo Livre: Descobrimo Filosoficamente o Lazer**

A discussão sobre o tempo fora do trabalho é tão antiga quanto o próprio trabalho. Desde os tempos primordiais, esse “tempo” vem sendo analisado, discutido e estudado por filósofos, historiadores e estudiosos em geral. Aristóteles, por exemplo, rejeitava o trabalho servil, em nome dos benefícios daquilo que os gregos chamavam de *scholé* (ociosidade e escola), como condição para o exercício da cidadania e o aperfeiçoamento espiritual e cultural.

Porém, o lazer, como um objeto específico de estudo e análise, ainda que de maneira filosófica e especulativa, só ganhou espaço e real definição entre fins do século XIX e início do século XX, porquanto, até então, a questão do tempo fora do trabalho

era obstaculizada pela moral puritana que vigorava nos primórdios do desenvolvimento capitalista. Senão vejamos.

Parece-nos apropriada a observação weberiana de que a ética ascética das religiões da contra-reforma foi fundamental para formar um *ethos* que tornasse possível a formação de uma economia racional do tipo capitalista (WEBER, 1996). De fato, à época, a burguesia sustentava um ideal, totalmente, moral e ascético sobre si mesma e demais classes constituintes da sociedade, defendendo, por exemplo, o trabalho como uma virtude suprema e a preguiça como um mal a ser evitado a todo custo. Era, assim, que se justificava, ideologicamente, as longas jornadas de trabalho sob as quais eram submetidas os trabalhadores nas fábricas (uma média de 12 a 14 horas por dia).

A esse propósito, não estranha o fato de que, em razão dessa moral ascética e produtivista, a própria concepção do papel do idoso na sociedade se transforma. Silva (1996) observa que, no período pré-industrial, o idoso era mantido integrado na organização familiar, na qual ele era protegido e amparado, e ocupava uma posição de destaque – algo próximo do que se sucede nas sociedades orientais em que os mais velhos são respeitados e tidos como detentores de poderes e crenças. Basta lembrar, também, que, em contextos rurais e tradicionalizados, o patriarcalismo foi a forma dominante de composição familiar. Nesses contextos, o domínio do patriarca se estendia para além do próprio núcleo familiar abrangendo afilhados, compadres, protegidos, escravos e agregados. Com a modernização e industrialização da sociedade, todavia, ocorre uma pressão social para negar a velhice, já que ela passa a ser considerada uma “idade improdutiva”.

Em fins do século XIX, contudo, esse quadro começa a mudar. A superprodução oriunda da superexploração da força do trabalho fez surgir a questão do consumo como

problemática. Ora, em face da superprodução de mercadorias, se fazia necessário também realizar o consumo dessas mesmas mercadorias. A questão passava a ser, portanto, não mais a organização racional da produção, e sim assegurar a produção ilimitada de bens. Razão por que a discussão sobre um “tempo livre” conferido aos trabalhadores começou a ganhar voz (ORTIZ, 1991).

Sintomático disso é a mudança de concepção em torno do corpo. Se, no início do século XVIII, o operário era visto como uma máquina (a ideia de corpo-máquina) que deveria trabalhar incansavelmente, com o único intuito de aumentar a produção material, em fins do século XIX, o corpo do trabalhador passa a ser entendido como um reservatório de energia conversível em trabalho. Em outras palavras, enquanto máquina, ao operário só restava o trabalho, mas, enquanto reserva energética, ele precisa descansar e recompor suas energias para o dia seguinte de trabalho (ORTIZ, 1991).

Certamente, é no interior dessas mudanças em que à obra *O Direito à Preguiça* do revolucionário francês e ativista político Paul Lafargue se inscreve. Escrita em 1880, trata-se de um panfleto político que polemizava o trabalho diante de visões liberais, conservadoras e, até mesmo, marxistas. Em linhas gerais, a obra discute a preguiça (até então um pecado capital) como um direito, com o intuito de problematizar a dominação do trabalhador pela religião, isto é, o trabalhador como uma figura ligada a Deus. Contra essa convicção, difundida por diversos escritores, Paul Lafargue denuncia a “santificação” do trabalho, debochando das atividades laborais e denominando, inclusive, o trabalho como um “dogma desastroso”.

Paul Lafargue, também, foi um dos pioneiros a abordar o ócio e o tempo livre dos trabalhadores. O ponto alto de suas idéias a respeito da exploração que o proletariado vinha sofrendo, em virtude das excessivas jornadas de trabalho, em

condições sub-humanas, dos primeiros tempos da revolução industrial (momento em que essas discussões começam a ganhar mais espaço), ocorreu, em 1883, quando o autor publica na *Revue Socialiste* trechos de uma obra traduzida para o francês de Friedrich Engels (PADILHA, 2006).

A esse propósito, cumpre explicar que Friedrich Engels foi o autor de "*Anti-During*", obra que aborda assuntos ligados à filosofia, economia política e socialismo, e que continha grande parte das posições que Paul Lafargue defendia. Friedrich Engels, igualmente, considerava a enorme exploração que os operários vinham sofrendo nos primórdios do desenvolvimento industrial inglês - tanto é, assim, que escreveu uma obra clássica sobre o tema intitulada "*A situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra*". Daí o interesse de Paul Lafargue pela tradução de sua obra. Afinal, Paul Lafargue acreditava que, expondo o pensamento e as idéias de outros pensadores revolucionários, estaria, conseqüentemente, dando fundamento a seus ideais.

A redução da jornada de trabalho era vista tanto por Lafargue (quanto também por Marx, seu genro) como uma saída para aumentar o tempo livre dos trabalhadores. Fato que é possível perceber quando se faz uma análise conjunta das obras de Lafargue e Marx. No entanto, vale lembrar que, segundo a teoria marxista, a base social do capitalismo é a exploração do trabalhador, por meio do qual o proprietário dos meios de produção extrai a mais-valia, fonte de seu lucro. Já Paul Lafargue, por sua vez, parece fazer do operário um sujeito tão apaixonado ou viciado pelo trabalho, que ele próprio se sujeita ao capitalismo "por gosto".

No meu entender, Lafargue sobrecarrega demais o trabalhador, colocando-lhe responsabilidades que não lhe cabem com exclusividade. Ele parte de uma emoção que é a "paixão" pelo trabalho e faz também uma crítica emocionada ao capitalismo. Por isso seu texto - cuja importância não está sendo de forma nenhuma negligenciada - é panfletário e faz um elogio desmedido à preguiça (PADILHA, 2006, p. 165).

Em que pesem essas diferenças, é importante destacar, por outro lado, que foi Paul Lafargue que resumiu e, posteriormente, difundiu as idéias de Marx aos operários franceses. De modo que Paul Lafargue é considerado o principal responsável pelo surgimento do marxismo francês do final do século XIX e início do século XX e, para muitos, seus textos de crítica literária deram início à chamada “estética marxista”<sup>4</sup>.

Outro autor que captou, à sua maneira, as mudanças de uma época foi Thorstein Veblen. Em “*A teoria da classe Ociosa: um estudo econômico das instituições*”, obra publicada em 1888, Veblen (1988) analisa a estrutura econômica do contexto histórico em que vive, com intuito de fazer uma crítica à ostentação da classe burguesa e mostrar como o consumo ostentatório estava levando a sociedade americana (objeto de referência de suas análises) a uma situação de crise.

Para compreender a teoria vebleniana, é preciso sublinhar a ênfase que sua análise dedica às instituições. Considerado o fundador da economia institucional, instituições são, segundo o autor, hábitos e rotinas de conduta arraigadas e historicamente determinadas. Assim, a título de exemplo, uma classe de indivíduos que se abstém do trabalho produtivo é uma instituição – além da classe ociosa, o autor considera, ao longo de sua obra, outros tipos de instituições. É o caso da “emulação”, que diz respeito ao hábito dos indivíduos, soberbamente, se compararem uns aos outros, ou, melhor, o desejo das pessoas de serem reconhecidas como melhores que outros indivíduos.

No tocante à instituição “classe ociosa”, apoiando-se numa análise evolucionista da história, Veblen (1988) observa que essa classe surgiu, gradualmente, durante a transição daquilo que ele chama de “selvageria primitiva” para uma situação de

---

<sup>4</sup> Referimo-nos aos trabalhos de Paul Lafargue de crítica literária sobre as obras de Chateaubriand, Balzac, Émile Zola, Victor Hugo e Flaubert. Importa lembrar, também, que a chamada “estética marxista” terá seu auge com as obras do filósofo húngaro György Lukács.

barbárie, ou, mais precisamente, devido à transição de um modo de vida pacífico, o dos selvagens, para um modo de vida guerrilheiro, cuja vitória em campo, a propriedade estabelecida e a riqueza acumulada permitem a sujeição do outro (tribos, povos, etc.):

A classe ociosa, como um todo, compreende as classes nobres e as classes sacerdotais e grande parte de seus agregados. As ocupações são diferentes dentro da classe ociosa, mas todas elas têm uma característica comum – não são ocupações industriais (VEBLEN, 1988, p. 05).

Desse modo, cabia às classes ociosas as ocupações não-industriais, tais como as atividades guerrilheiras, religiosas, governamentais e esportivas, ao passo que as ocupações industriais, os trabalhos manuais ou, ainda, as tarefas de subsistência, considerados indignos, repetitivos e rotineiros, eram realizados pela classe inferior, notadamente por escravos e mulheres.

É importante frisar, todavia que, para Veblen (1988), “*ócio*” não é o mesmo que preguiça, mas sim, um tempo gasto em atividades não-produtivas, o que demonstra a capacidade e, ainda, a possibilidade de se viver uma vida, totalmente, inativa. Daí que, para além de fator de distinção social, a ociosidade é causa de degenerescência social. É o que ele pretende provar ao atribuir à erosão da moral puritana (que privilegia o trabalho) a causa crise da sociedade americana.

Fica, claro, assim, que, à diferença de Paul Lafargue, Thorstein Veblen capta, de maneira conservadora, a transição pela qual o capitalismo passa em fins do século XIX. Enquanto um considerava que os trabalhadores estavam intoxicados por trabalho, paradoxalmente, num momento em que a própria burguesia começava a se deixar levar por valores ligados ao divertimento e ao lúdico, o outro advogava pela recuperação dos antigos valores que haviam feito à riqueza da nação (no caso, a nação norte-americana). Entretanto, em que pese isso, as ideias de ambos refletiam, nas suas diferenças, um fenômeno social novo que surgia: o lazer.

## **O Nascimento de uma Disciplina Científica: O Lazer como Objeto de Estudo**

Uma vez revisados os primórdios filosóficos da reflexão especulativa sobre o tempo fora do trabalho, cumpre, agora, revisar o momento em que o lazer torna-se objeto de pesquisa científica. Certamente, esses estudos repercutem o desenvolvimento da sociedade industrial, a urbanização das cidades, o aparecimento dos segmentos médios da população e, sobretudo, as lutas e as reivindicações operárias por mais tempo livre. Em suma, o lazer é um tema moderno.

Joffre Dumazedier, sociólogo francês que viveu entre os anos de 1915 a 2002, é considerado o patrono de uma ciência do lazer (no caso, de uma sociologia do lazer). De fato, o autor buscou dar aos estudos do lazer um rigor sistemático e científico que, até então, não havia, a começar por uma definição do fenômeno – vale lembrar que, para o autor, o lazer não pode ser encontrado nas sociedades primitivas, tampouco tradicionais, porquanto as atividades de lazer pressupõem autonomia do trabalho em relação aos demais tempos sociais (descanso, jogos, festas), bem como uma situação em que a tradição e a religião não mais regem a vida social. Assim, segundo Joffre Dumazedier, lazer é:

[...] um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se, ou ainda para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais (DUMAZEDIER, 1973, p. 34).

Note-se, portanto, que, em Joffre Dumazedier, o lazer é concebido como algo que se opõe às obrigações, sejam profissionais, domésticas, sócio-religiosas ou sócio-políticas. Em outras palavras, o lazer é algo que não é movido por fins lucrativos,

utilitários, ideológicos e morais, tampouco por intuítos proselitistas. Pelo contrário. Trata-se, antes, de uma atividade desinteressada, prazerosa, hedonística e pessoal.

Cumpra, também, destacar que a abordagem do autor sobre o lazer é funcionalista, isto é, ele procura compreender o lazer pela função que a atividade exerce para o equilíbrio da sociedade. Nesse sentido, Padilha (2006) esclarece que, em Joffre Dumazedier, o lazer é um complemento do trabalho. No caso, o lazer compensa aquilo que o trabalho alienado e rotineiro rouba dos indivíduos.

Em sua obra-síntese intitulada “*Sociologia Empírica do Lazer*”, é possível identificar todas essas características do pensamento do autor. Tomando como referência análises e estudos empíricos sobre a redução da jornada de trabalho nos países ocidentais (Europa e Estados Unidos) e nos países do bloco soviético, Dumazedier (2008) problematiza se o tempo livre historicamente produzido (movimentos trabalhistas, estratégias das empresas para aumentar o consumo, desenvolvimentos tecnológicos, etc.) estava sendo apropriado ou não em benefício dos lazers. Dito de outra maneira, a redução da jornada laboral significou aumento das atividades domésticas? Das atividades sócio-religiosas? Das atividades sócio-políticas? Ou das práticas de lazer?

Em relação às atividades domésticas, Dumazedier (2008) observa que, de fato, os dados empíricos apontam que boa parte do tempo livre acaba sendo ocupado no interior do lar. Logo, uma análise superficial das pesquisas nos levaria à conclusão de que foram as atividades familiares as grandes beneficiadas das transformações no mundo do trabalho. Ledo engano, adverte o autor. Para Dumazedier (2008), muitas das atividades familiares tradicionais adquiriram conteúdos ligados ao lazer. Veja-se, por exemplo, o caso das pílulas anticoncepcionais que permitiram a mulher se desvencilhar das

obrigações reprodutivas. O sexo passou a ser algo muito mais ditado pelo prazer do que, propriamente, pelo dever. Esse é o caso, também, das obrigações domésticas. Seria mesmo preciso dizer que os eletrodomésticos e as facilidades que eles trouxeram permitiram que a cozinha, para a mulher, se transformasse num ambiente de distração e fabulação?

No que se refere às atividades sócio-religiosas, Dumazedier (2008) chega a conclusões semelhantes. Nesse sentido, é interessante observar que as festas religiosas acabaram se transformando em dias e feriados de lazer, churrasco e presentes, a começar pelas festividades natalinas. A esse respeito, vale lembrar o fenômeno recente do *Black Friday*, realizado logo após o Dia de Ação de Graças nos Estados Unidos – há, inclusive, uma versão brasileira desse dia que tem atraído cada vez mais multidões de consumidores em busca dos mais diversos tipos de descontos oferecidos pelo comércio.

No tocante às atividades sócio-políticas, que, segundo Dumazedier (2008) são uma exigência institucional, e não uma exigência individual (característica que, para ele, define lazer), fica claro, igualmente, que elas passaram a ser influenciadas pelas práticas de lazer. É o caso dos chamados “showmícios”. Além disso, o autor observa que, mesmo nos países de orientação política socialista, onde a participação em atividades políticas é incentivada pelo estado, há uma sensível preferência dos jovens pelo lazer.

Apoiando-se, portanto, nos resultados de sua pesquisa empírica, Dumazedier (2008) chega à conclusão de que foram as práticas de lazer que cresceram à medida que o tempo de trabalho reduzia. Não só cresceram como começaram a influenciar os demais setores que, até então, o lazer pressupunha, a exemplo do próprio trabalho – note-se, aqui, que o autor se distancia de sua abordagem funcionalista inicial,

começando a tratar o lazer como um valor em si, isto é, enquanto algo produtor de novos valores sociais, e não apenas um complemento do trabalho alienado.

No Brasil, as idéias teóricas de Joffre Dumazedier influenciaram inúmeros estudiosos da área do lazer. Entre eles, destaca-se o jornalista e sociólogo Luiz Octávio de Lima Camargo. Em seu livro “*O que é Lazer*”, Camargo (2008) define as práticas de lazer como:

[...] um conjunto de atividades gratuitas, prazerosas, voluntárias e liberatórias, centradas em interesses culturais, físicos, manuais, intelectuais, artísticos e associativos, realizadas num tempo livre roubado ou conquistado historicamente sobre a jornada de trabalho profissional e doméstico que interferem no desenvolvimento pessoal e social dos indivíduos (CAMARGO, 2008, p. 97).

Inspirado nas ideias do mestre, Camargo (2008) defende o lazer como uma atividade transformadora da sociedade, haja vista que tal prática não visa tão somente ao descanso e ao divertimento (características que definem o entretenimento, e não o lazer), mas, sobretudo, ao desenvolvimento social e pessoal. Daí, na sua visão, a importância do papel educativo dos animadores e produtores culturais.

O lazer é, nesse sentido, a possibilidade de se transformar num tempo de reflexão e conscientização. Mais ainda. As práticas de lazer podem vir a ser um tempo-espaço de revitalização de todo o tecido social, muito embora, para isso, seja necessário superar alguns obstáculos, quais sejam: o tempo, o fator econômico, a não-diversificação, as questões de gênero, o preconceito e a problemática da faixa etária.

No tocante ao “*tempo*”, deparamos com a questão não só das horas que um indivíduo deve cumprir, obrigatoriamente, em seu trabalho, como também as diversas obrigações que ele assume em seu cotidiano, o que, conseqüentemente, reduz o tempo disponível para o desfrute do lazer – muito embora, como já dito, essas obrigações possam apresentar conteúdos ligados ao lazer.

Quanto ao “*fator econômico*”, diante de uma sociedade cada vez mais desigual (o caso do Brasil é emblemático), aliada à privatização, por exemplo, de inúmeras áreas naturais e locais paisagísticos, pode-se perceber, ao longo dos anos, a redução do poder aquisitivo para poder desfrutar do lazer, bem como a redução de espaços para a realização dessas atividades (muitas das quais acessíveis apenas para os segmentos mais abastados). Sobre isso, Padilha (2006) afirma: “direta ou indireta, o tempo de lazer deve ser comprado. Porque o tempo é mensurável, ele é também um objeto que pode ser trocado por tudo, como a moeda” (PADILHA, 2006, p. 151).<sup>5</sup>

A “*não diversificação do lazer*”, por sua vez, guarda semelhança com o obstáculo anterior. Seria mesmo necessário dizer que as práticas de lazer não apenas refletem a estratificação social, como ajudam a reproduzir as desigualdades sociais? Apesar de previsto na constituição brasileira como um direito, na prática, o lazer, em nossa sociedade, não raras vezes, se converte num privilégio.

No que se refere ao “*gênero*”, é um item que pode ser considerado como primordial. Não é somente no tempo de trabalho que se expressam as desigualdades entre homens e mulheres, mas, sobretudo, no tempo fora do trabalho. Além da dupla jornada de trabalho que rouba tempo disponível do gênero feminino (trabalho profissional e doméstico), é possível, todavia, identificar uma moral paternalista que justifica o papel, tido como subalterno, da mulher na família. Desse modo, não é raro encontrar situações em que a mulher deixa de praticar um lazer por um sentimento de culpa e falta em relação ao deveres conjugais e familiares.

---

<sup>5</sup> A título de curiosidade, atentamos para o caso, também emblemático, da Espanha, onde o desemprego continua a subir e ultrapassou a barreira dos 5,27 milhões, segundo o instituto de estatística espanhol. A taxa de desemprego oficial de 22,85% da população ativa é a maior desde 1995. Particularmente preocupante é a situação da faixa etária com menos de 25 anos, onde há mais desempregados do que empregados, já que 51,4% dos jovens não têm trabalho (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 2012).

Quanto ao “*preconceito*”, esse obstáculo assume diversas feições. Embora seja comum a associação com atitudes xenófobas e racistas, o preconceito, também, pode assumir a forma de estereótipos. No tocante ao lazer na terceira idade, note-se, por exemplo, as generalizações derivadas de uma concepção estereotipada da velhice e de uma sobrevalorização de uma vida “produtiva” e profissional:

Além das dificuldades econômicas, de saúde e de locomoção os velhos sofrem uma série de preconceitos, inclusive deles mesmos, derivados de sua formação voltada para o trabalho, ou da sociedade, pois passam a ser apontados como transgressores quando tentam quebrar preconceitos ou o estereótipo do “velho bem comportado”, que “sabe o seu lugar”; “olha só a assanhada!”, “será que ele não se enxerga!”, “ora, ele já teve seu tempo!”. São apenas alguns dos exemplos do que se ouve, quando velhos procuram exercer seu direito ao lazer, desenvolvendo atividades que fogem ao estabelecido. Isso sem falar das ações, dos comportamentos que envolvem algum tipo de afetividade. Aí, então, os preconceitos são mais fortes ainda (MARCELLINO, 2002, p. 45).

Por fim, relacionado a alguns aspectos do anterior e sobre o qual iremos discorrer mais profundamente, outro obstáculo é “*a faixa etária*” que o indivíduo pertence. Nesse quesito, pesa, em primeiro lugar, o fato de haver em nossa sociedade um número, consideravelmente, maior de opções de lazer dirigidas a crianças, jovens e adultos, em detrimento dos idosos. De fato, numa sociedade que valoriza, sobretudo, o novo e o jovem, as opções de lazer para a terceira idade vão se restringindo cada vez mais ao espaço doméstico. A esse propósito, pesquisas realizadas, tanto na Europa quanto nos Estados Unidos, estimam que os idosos são, comparativamente a outras faixas etárias, os que menos frequentam equipamentos de lazer (MARCELLINO, 2002).

Além disso, uma segunda consideração sobre a faixa etária está relacionada ao impacto que a parada na vida profissional provoca. Sobre isso, alguns gerontologistas constataram que, mesmo para os idosos que possuem condições financeiras e saúde, a aposentadoria pode se transformar numa atitude relutante e alheia em relação ao lazer (MARCELLINO, 2002). Por outro lado, a própria gerontologia, durante muito tempo

não deu a devida importância a essas atividades desenvolvidas pelos idosos no seu tempo livre, como se elas não fossem um valor em si, mas algo vinculado ao trabalho, a uma suposta nostalgia das atividades laborais, algo, contudo, que somente começou a mudar nos últimos anos, conforme demonstrado a seguir.

### **O Lazer na Terceira Idade: Desconstruindo Generalizações**

Um dos fatores que contribuíram para a mudança de visão em torno das práticas de lazer realizadas na terceira idade foi, sem dúvida, o aumento da expectativa de vida. A título de ilustração, em termos mundiais, estima-se que a expectativa de vida seja, atualmente, de 67 anos. Já, no Brasil, a expectativa de vida do brasileiro saltou de 62,52 anos em 1980 para 73,76 anos em 2010, um acréscimo de 11,24 anos (BENEVIDES, 2013). Não surpreende, assim, que, em 2025, o país deverá ter a sexta população mais idosa do planeta, aproximadamente, 34 milhões de pessoas (OMS, 2000). Além disso, importa lembrar o papel que a queda da fecundidade da mulher brasileira exerceu para o envelhecimento da sociedade: na década de 60, estimava-se cinco filhos por mulher; hoje, essa proporção reduziu para dois filhos por mulher (BRASIL - MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2010).

Desnecessário dizer que tais números e projeções afetaram a consciência social. Tanto é, assim, que, nos últimos anos, em razão do envelhecimento da sociedade, muitos são os pesquisadores que têm se interessado e desenvolvido trabalhos na área da terceira idade, o que proporcionou um novo campo de opiniões e avaliações econômicas, sociológicas, antropológicas, históricas e psicológicas sobre a velhice, contribuindo, inclusive, para a desconstrução de preconceitos e estereótipos que, até então, governavam o tema.

De imediato, tomemos o aspecto econômico e antropológico como exemplo. Durante muito tempo, o público da terceira idade foi visto como uma camada improdutiva na sociedade brasileira. Desse modo, bastava a pessoa alcançar a terceira idade para que fosse decretada sua velhice econômica e social. Tal visão, é claro, se vinculava a uma ênfase produtivista da pessoa humana, na qual é o papel que a pessoa exerce na sociedade que determina o seu valor, e não uma identidade geral e abstrata do gênero “todos somos iguais”, algo, portanto, bem típico da cultura personalista brasileira (DAMATTA, 1997). O que é problemático, levando-se em conta que, em outros países, notadamente de origem oriental, como o Japão, os idosos são valorizados, justamente, por seu conhecimento, sua sabedoria e experiência de vida, e chegam, inclusive, a ocupar cargos importantes em grandes empresas.

Do ponto de vista sociológico, por sua vez, não foram poucas as vezes em que o público da terceira idade foi tachado como um empecilho ao desenvolvimento econômico e social. Tal concepção, sem dúvida, está vinculada a uma ideia da pessoa idosa como um ser decadente tanto física quanto mentalmente. Sobre isso, basta ver o conteúdo dos programas televisivos e o imaginário que criam em torno da juventude, da virilidade, do corpo bronzeado e saudável. Também não é por acaso que a publicidade abusa, nas propagandas comerciais, do elogio ao novo, em detrimento do velho, como se a velhice fosse algo a ser evitado; pior ainda, como se fosse um estado de condenação (PADILHA, 2006).

O fato é que, como dito, tais preconceitos têm sido erodidos à luz das recentes pesquisas científicas sobre a terceira idade, notadamente pelos estudos do lazer, com enfoque na terceira idade. E, entre os autores que figuram nesse campo de investigação, um nome de destaque é o da educadora física Marília de Goyáz.

Em seu estudo *“Vida Ativa na Melhor Idade”*, Goyáz (2003) esclarece que a concepção de que o idoso é um indivíduo dependente e improdutivo, não causa transtornos apenas à própria pessoa, isolando-a do convívio social, como, igualmente, cria impedimentos para a família como um todo, haja vista que o marido, a mulher, o filho, o neto, enfim, acabam se privando dos valores e das lições que são transmitidos pelos mais velhos.

No que se refere às práticas de lazer realizadas pelo idoso, Goyáz (2003) identifica benefícios tanto no âmbito biológico quanto na vida social. Em relação ao primeiro, a autora chama a atenção para o fato de que, para o idoso, o lazer é um fator importante para a manutenção de suas capacidades de reação, motoras, de concentração e coordenação, além, é claro, dos benefícios que as práticas esportivas e recreativas, seja uma caminhada ou um jogo de cartas, trazem para a saúde física e mental do idoso. Já em relação à vida social, o lazer contribui para evitar a apatia, a autodesvalorização, a insegurança, o isolamento social e a solidão.

Por outro lado, Goyáz (2003) adverte que as atividades direcionadas aos idosos devem ser organizadas considerando suas particularidades e realizadas de forma gradativa. Por isso, tais atividades devem enfatizar, sobretudo, a aproximação social, ter caráter lúdico, ser realizadas com intensidade moderada e de baixo impacto, privilegiar a diversificação e, sobretudo, considerar a memória e o conhecimento acumulado pelo idoso para que ele possa partilhar e reviver as situações que lhe proporcionam prazer.

Levando-se em conta, portanto, os benefícios e as particularidades das práticas de lazer na terceira idade, Goyáz (2003) advoga por uma completa reformulação e readaptação da sociedade, principalmente por parte de suas camadas diretivas, no

sentido de estabelecer ações em nível institucional e doméstico que possam estimular e valorizar o público idoso da forma mais adequada possível:

A sociedade, portanto, tem o dever de criar mecanismos que contribuam para a superação deste quadro e garantir ao idoso uma vida mais tranquila. Para isso, além de vencer os preconceitos, é necessário criar condições para que o idoso possa usufruir o tempo que tem disponível com qualidade, beneficiando-se por meio de: atividades físicas apropriadas para sua condição, alimentação saudável, espaço para lazer, bom relacionamento social e liberdade de expressão e criação. Somados a isso, o amor, o carinho e o reconhecimento das contribuições do idoso para a sociedade e da sua capacidade de amar, podem impulsionar a felicidade, o bem-estar e, conseqüentemente, a longevidade desse cidadão que tem direitos pessoais e sociais que não podem ser negados (GOYÁZ, 2003, s/p.).

Outro autor que teceu importantes considerações acerca do lazer na Terceira Idade é Nelson Carvalho Marcellino, idealizador, junto com outros pesquisadores como Antônio Carlos Bramante e Heloísa Turini Bruhns, na década de 1980, de uma área de concentração de “Estudos do Lazer” no programa de pós-graduação *stricto sensu* da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas – atualmente, o referido programa não existe mais.

Em “*Lazer e Humanização*”, além de chamar a atenção para a necessidade de pesquisas e estudos voltados para o tema, com o objetivo de incrementar a qualidade de vida da população idosa, Marcellino (2000) trata de um ponto central a respeito das práticas de lazer em geral e, no que aqui nos interessa, sobre o lazer na terceira idade, qual seja: a constituição de espaços públicos para a prática. Afinal, como ele assevera, a democratização do lazer passa, necessariamente, pela democratização no espaço.

De fato, a realidade sócio-espacial brasileira é um impeditivo para as práticas de lazer nas diversas faixas etárias. As distâncias entre o local de moradia e os equipamentos específicos de lazer, provocadas por uma produção espacial regida por interesses privados e uma lógica patrimonialista, as graves deficiências verificadas no sistema de transporte público, aliadas às barreiras sócio-econômicas que nos

transformaram numa das sociedades mais desiguais do planeta, concorrem, todas, para confinar grandes parcelas da população a práticas conformistas. Daí que, conforme aponta Marcellino (2000), quando se investigam os hábitos da população brasileira em geral, encontram-se índices elevados de atividades desenvolvidas no âmbito doméstico, vale dizer, atividades marcadas pela assistência aos programas televisivos – ouvir música e assistir televisão são indicados com frequência superior a 80%, ao passo que as práticas realizadas fora do lar não chegam a atingir 10% dos entrevistados.

Já no caso específico dos espaços de lazer para a terceira idade, a realidade é, ainda, mais problemática. Veja-se, por exemplo, o caso das praças públicas, espaços, tradicionalmente, apropriados pelos idosos para o jogo de cartas e dominó, por exemplo. Como nos lembra o autor, no Brasil, as praças, com raras exceções, são concebidas, simplesmente, como locais de passagem. Além do mais, verifica-se, também, que, em razão da especulação imobiliária e da voracidade da produção urbana, os lugares de história e memória que tecem a narrativa de vida de uma pessoa desaparecem de uma hora para outra, provocando um estranhamento que recai, com mais força, sobre os idosos. É o caso de praças, casarões, antigos edifícios, que cedem lugar para empreendimentos imobiliários, a exemplo de *shopping centers*, condomínios de alta renda e empreendimentos turísticos.

Diante desse quadro espacial problemático, Marcellino (2000) defende, portanto, que os equipamentos públicos de lazer, específicos ou não, sejam guiados por uma lógica polivalente, a fim de atender as necessidades de lazer relativas aos vários campos e faixas etárias:

[...] O que quero dizer é que ação democratizadora precisa abranger, além da construção de novos equipamentos em locais adequados e acessíveis, a luta pela mudança da mentalidade na utilização de equipamentos não-específicos e a busca da participação da população na defesa do seu patrimônio ambiental e urbano, o que implica preservar o espaço, revitalizar construções

e manter a riqueza da paisagem urbana, podendo significar, inclusive, um elemento que se contraponha à homogeneidade cultural tão presente na vida dos habitantes das cidades (MARCELLINO, 2000, p. 66).

Expostas as contribuições de Nelson Carvalho Marcellino e de Marília de Goyáz, é indispensável revisar o próprio trabalho de Joffre Dumazedier acerca da temática do lazer na terceira idade. Ainda que suas obras não versem, especificamente, sobre a realidade brasileira, porquanto possuem um caráter global, seus apontamentos são de extrema importância para o tema. Afinal, o sociólogo francês, tomando como referência o contexto europeu e norte-americano dos anos 1960 e 1970, foi um dos primeiros autores a desconstruir a ideia de que o tempo-espaço do idoso é um momento de tédio e de nostalgia dos “velhos e bons” tempos de trabalho.

Uma importante conclusão que o autor obteve por meio de suas pesquisas empíricas diz respeito ao prosseguimento de uma atividade profissional durante a aposentadoria. Assim, se era verdade que uma pequena parcela da classe trabalhadora continuava trabalhando após se aposentar – e, nesse caso, o trabalho na aposentadoria é, para essas minorias, explicado não apenas em termos pecuniários, mas também por uma ordem ética, de apego ao trabalho –, por outro lado, contudo, o autor observa que, para a ampla maioria da classe trabalhadora, a aposentadoria definitiva era algo desejado, e não suportado, conforme, à época, se dizia correntemente (DUMAZEDIER, 2008).

Outra consideração importante que o autor constatou é que, durante os dias da semana, fora das obrigações domésticas e familiares, a quase totalidade do tempo dos idosos é dedicada às atividades de lazer. De modo que as atividades religiosas são, praticamente, nulas entre os homens, embora difundidas entre as mulheres – evidentemente que essas situações variam de acordo com o contexto social estudado, já que, em ambientes mais tradicionalizados (zonas rurais e pequenas cidades), espera-se que as atividades sócio-religiosas exerçam um papel mais contundente sobre o cotidiano

das pessoas. Por outro lado, há que se destacar, também, que muitas atividades sócio-religiosas são subestimadas por se realizarem no âmbito doméstico, a exemplo da audiência de missas por rádio e televisão. De modo que as observações do autor devem ser consideradas como tendências, e não, propriamente, um retrato fiel de toda e qualquer realidade social.

Todavia, para além dessas duas considerações, a grande contribuição de Joffre Dumazedier para a temática do lazer na terceira idade é sua análise sobre a natureza dos lazeres praticados nesse momento da vida. Assim, no tocante aos lazeres físicos, o autor observa dois fenômenos: de um lado, as atividades esportivas são pouco praticadas pelos segmentos mais altos da faixa etária, sendo os esportes mais praticados a pesca e os jogos de bolas. Por outro lado, os passeios e as caminhadas são atividades difundidas entre os idosos. Além disso, o autor constatou que, entre os lazeres que exigem um esforço físico, destacam-se as viagens e as férias – a esse propósito, atualmente, o público da terceira idade tem sido um dos alvos principais da indústria do turismo<sup>6</sup>.

Do ponto de vista dos lazeres artísticos e práticos, por sua vez, Dumazedier (2008) observou que eles se desenvolvem, majoritariamente, no âmbito doméstico, à diferença, por exemplo, das práticas “exteriores” dos segmentos mais jovens. E entre esses tipos de lazer, destacam-se: a bricolagem, a jardinagem e os trabalhos com agulha. Para o autor, essas atividades ora apresentam um caráter utilitário, decorrente de obrigações familiares ou semi-obrigatórias, ora exibem um caráter de entretenimento

---

<sup>6</sup> Entre as iniciativas propostas para o segmento podemos destacar, em âmbito mundial, a agência de viagem *Eldertrecks*, especializada em montar pacotes de turismo de aventura para pessoas com mais de 50 anos; e, em âmbito nacional, o condomínio Solar da Gávea, situado na zona sul do Rio de Janeiro, que recebe hóspedes em regime de moradia permanente, temporária ou diária, oferecendo passeios, clínica médica, fisioterapia e recreação. Vale chamar a atenção, ainda, para as ações governamentais de promoção ao turismo na terceira idade, a exemplo do programa do Ministério do Turismo do Brasil *Viaja Mais Melhor Idade*. Estima-se que, entre 2007 e 2010, período de duração da primeira fase do programa, 599 mil pacotes turísticos tenham sido vendidos (BRASIL.MINISTÉRIO DO TURISMO, 2013).

ligado ao lazer: “*é provável que para além de um certo limiar de pobreza a segunda feição seja dominante*” (DUMAZEDIER, 2008, p. 126).

Já no tocante aos lazeres intelectuais e sociais, o autor verificou que as pessoas idosas, em média, dedicavam mais tempo à leitura de jornais que o conjunto da população: na França, por exemplo, a média de tempo diário consagrado à leitura de jornais era de cerca de meia hora no conjunto da população e de três quartos de hora entre as pessoas de mais de 65 anos (DUMAZEDIER, 2008). Além disso, observou-se que os lazeres sociais, sob a forma de recepções e visitas feitas e recebidas, ocupavam um lugar de relevo no cotidiano dos idosos, constituindo, portanto, uma fator de sociabilidade e integração social – nas pesquisas de orçamento-tempo realizadas nos Estados Unidos, na década de 1970, essas atividades preenchiam, em média, 1,6 horas do dia de um idoso (DUMAZEDIER, 2008).

Evidentemente que esses dados são relativos aos anos 1960 e 1970, de modo que, embora possuam limites, constituem um importante ponto de partida empírico para um novo olhar sobre a terceira idade, ao identificar tendências que, atualmente, se converteram em demandas necessárias, como o cuidado com o corpo e o bem-estar físico; a conscientização dos benefícios de uma vida socializada, a curiosidade pelo conhecimento de novas culturas e povos. A esse propósito, parafraseando o próprio Joffre Dumazedier, já é tempo de começar a desconfiar das generalizações abusivas sobre os idosos<sup>7</sup>.

Assim, a nosso ver, demonstrar a importância das atividades de lazer na terceira

---

<sup>7</sup> Cumpre explicar que, no Brasil, são poucos e raros as abordagens empírico-estatísticas nos estudos em lazer. Camargo (2011) chama a atenção para o fato de que a única pesquisa de orçamento-tempo de que dispomos, segundo as rubricas do modelo internacional, data da década de 1970. Trata-se de um pesquisa de orçamento-tempo coordenada por Amauri de Souza e publicada em 1974 sobre os moradores da cidade do Rio de Janeiro.

idade, seja do ponto de vista físico e biológico, da construção de espaços públicos destinados aos idosos, ou, ainda, acerca da natureza das práticas de lazer segundo as diferentes faixas etárias, é, sobretudo, uma forma de evitar que os idosos fiquem relegados a atividades passivas e alienantes, ou submetidos a papéis subalternos na sociedade. Em relação à primeira situação, basta lembrar que, por exemplo, no Brasil, tido como “o país da juventude”, as pessoas começam a “envelhecer socialmente” muito cedo, razão por que o lazer tende a se restringir ao ambiente doméstico (nos referimos, principalmente, à audiência a programas televisivos tanto durante a semana quanto nos sábados, domingos e feriados)<sup>8</sup>. Já em relação à segunda situação, cumpre destacar, a título de ilustração, a forma como determinados grupos de terceira idade, que são, o mais das vezes, grupos de lazer, em razão de seu funcionamento baseado em concepções estereotipadas sobre o idoso, contribuem para segregação desse público ou para ocupação do seu tempo em papéis artificiais e secundários (MARCELLINO, 2002).

Enfim, tal mudança de concepção fundamentada nos estudos do lazer engendra, inclusive, uma reorientação dos valores que norteiam nossa cultura e nossos modos de vida. Com base nela, talvez, comecemos a conceber a terceira idade não como um mundo à parte, mas como uma parte integrante das demais “idades” (MARCELLINO, 2002). Mais ainda, por meio dela é possível que passemos a enxergar a vida como um todo integrado e global, e não como um coletânea de tempos e idades estanques distribuídos numa estrutura hierárquica na qual as pessoas são classificadas segundo sua

---

<sup>8</sup> Muito embora, nos últimos anos, em parte devido à própria mudança de concepção acerca do idoso, o governo brasileiro tem tomado algumas iniciativas importantes, a começar pela criação do "Estatuto do Idoso", sancionado em 2003, que estabelece o direito do idoso à educação, cultura, esporte e lazer, e estipula o desconto de 50% na compra de ingressos para esse tipo de atividades. Também podemos observar a ação do governo no âmbito do sistema "S" (SESI, SESC, SENAI, SEBRAE) com o objetivo de facilitar o acesso dos idosos às práticas de lazer e turismo.

eficiência e produtividade.

### **Considerações Finais**

O presente artigo revisa, bibliograficamente, o desenvolvimento teórico e histórico do lazer, com enfoque na terceira idade, com intuito de construir, assim, um panorama teórico do tema e esclarecer como foi o processo de formação, desenvolvimento e consolidação desse fenômeno histórico-social - atualmente, objeto de tantas discussões em diversos âmbitos da sociedade.

No tocante ao lazer na terceira idade, tais discussões, certamente, estão relacionadas ao crescente envelhecimento da população mundial nos últimos anos. E um dos campos mais profícuos do debate tem sido, justamente, o debate sobre as peculiaridades do tempo-espaço dos idosos, a começar pela saída do mercado de trabalho profissional (aposentadoria). Ao lado disso, tornou-se, igualmente importante discutir a qualidade de vida na terceira idade, seja em termos de saúde, políticas públicas ou lazer.

Embora, durante anos, tais discussões tenham ficado bloqueadas por visões generalizantes e estereotipadas sobre idosos, o fato é que os estudos sobre a terceira idade têm modificado a visão e o comportamento dos diversos setores da sociedade, inclusive no âmbito institucional. Assim, antes marginalizados, os idosos começaram a adquirir seu valor e reconhecimento social. O mesmo ocorrendo com as suas práticas de lazer, possuidoras de características específicas e produtoras de valores próprios.

Sendo assim, embora reconheçamos que a temática sobre a terceira idade e, no que aqui nos concerne, sobre lazer na terceira idade, ainda, possuir inúmeros limites e obstáculos, principalmente se levarmos em conta a realidade social do idoso no Brasil,

este trabalho, à sua maneira, se inscreve entre aqueles que buscam traçar caminhos teóricos para uma mudança prática. Eis uma proposta metodológica necessária.

## REFERÊNCIAS

BRASIL - MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Uma construção coletiva:** Plano Nacional de Saúde (PNS) 2008/2009-2011. Brasília: Ministério da Saúde, 2010. 168 p. (Série B. Textos Básicos de Saúde) (Série Cadernos de Planejamento; v. 9).

BRASIL. MINISTÉRIO DO TURISMO. **Viaja Mais tem mais de 270 pacotes viagem com desconto.** Brasília, 05. set. 2013. Disponível em: <[http://www.turismo.gov.br/turismo/noticias/todas\\_noticias/20130905-2.html](http://www.turismo.gov.br/turismo/noticias/todas_noticias/20130905-2.html)> Acesso em: 05 jul. 2014.

BENEVIDES, C. Em três décadas, expectativa de vida sobre 11 anos e brasileiro chega aos 73,7. **Jornal O GLOBO**, 02 ago. 2013. Disponível em: Disponível em: <http://oglobo.globo.com/brasil/em-tres-decadas-expectativa-de-vida-sobe-11-anos-brasileiro-chega-aos-737-9327084> Acesso em: 11 jul. 2014.

CAMARGO, L.O. **O que é lazer?** 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 2008.

\_\_\_\_\_. O lazer na sociedade brasileira. In: PRONOVOST, G. **Introdução à Sociologia do lazer** (Posfácio). São Paulo: SENAC, p. 153 - 203, 2011.

DAMATTA, R. **Carnavais, Malandros e Heróis.** Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS. **Desempregados em Espanha já são mais de 5 milhões.** Diário de Notícias, 27 jan. 2012. Disponível em: <[http://www.dn.pt/inicio/globo/interior.aspx?content\\_id=2267067&seccao=Europa](http://www.dn.pt/inicio/globo/interior.aspx?content_id=2267067&seccao=Europa)> Acesso em: 12 jul. 2014.

DUMAZEDIER, J. **Lazer e Cultura Popular.** São Paulo: Perspectiva, 1973.

\_\_\_\_\_. **Sociologia empírica do lazer.** 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.

FOUREZ, G. **A Construção das Ciências:** introdução à filosofia e à ética das ciências. São Paulo: Editora UNESP, 1995.

GOYÁZ, de M. Vida ativa na melhor idade. **Revista on-line da UFG.** Órgão de divulgação da Universidade Federal de Goiás, ano V, n. 2, sem paginação, dezembro de 2003.

LAFARGUE, P. **O Direito à Preguiça.** 2.ed. São Paulo: Hucitec, 2000.

MARCELLINO, N. C. **Lazer e Humanização.** 3. ed. Campinas: Papyrus, 2000.

\_\_\_\_\_. **Estudos do Lazer:** uma introdução. 3. ed. Campinas: Autores Associados, 2002.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Global Forum for Health Research: the 10/90 Report on Health Research**. Genebra: Organização Mundial da Saúde, 2000.

ORTIZ, R. **Cultura e Modernidade**. São Paulo: Brasiliense, 1991.

PADILHA, V. **Shopping Center: a catedral das mercadorias**. São Paulo: Boitempo, 2006.

PEREIRA, R. S.; CURIONI, C. C.; VERAS, R. Perfil demográfico da população idosa no Brasil e no Rio de Janeiro em 2002. **Textos sobre Envelhecimento**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, 2003. Disponível em: [http://revista.unati.uerj.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S151759282003000100004&lng=pt&nrm=iso](http://revista.unati.uerj.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151759282003000100004&lng=pt&nrm=iso) Acesso em: 06 jul. 2014.

SILVA, E. B. N. A relação familiar e o idoso. **Gerontologia**, São Paulo, v. 4, n. 2, p. 75-78, 1996.

VEBLEN, T. **A Teoria da Classe Ociosa: um estudo econômico das instituições**. 3. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

VERAS, R. P.; CALDAS, P. C. Promovendo a saúde e a cidadania do idoso: o movimento das universidades da terceira idade. **Revista Ciência e Saúde Coletiva** [online], Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 423- 432, 2004.

WEBER, M. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**. 11. ed. São Paulo: Pioneira, 1996.

#### **Endereço dos Autores:**

Kamilla Paula Gandra de Oliveira  
Rua do Amparo, n. 153, Centro  
Diamantina – MG – 39100-000  
Endereço Eletrônico: kamillapaulag@hotmail.com

Alan Faber do Nascimento  
Rua Horto Florestal, n. 211, complemento 105, Bairro Pedra Grande  
Diamantina – MG – 39100-000  
Endereço eletrônico: alanfaber@uol.com.br/alan.faber@ufvjm.edu.br